

Bicudo Virou Fumaça

Em 1961 tinha eu 17 anos, havia passado quatro anos morando em Uberaba MG e voltado para Ribeirão Preto SP, localidade que havia estado desde os dez anos de idade. No mês de julho, passando férias no Rio de Janeiro na casa de minha avó em Niterói, estive na casa de meu querido tio avô o Mario Ventura Dias, passarinho da melhor estirpe.

Lá em Vila Izabel, numa casa térrea, onde morava, à Rua Torres Homem, havia um verdadeiro santuário de aves. Ele tinha adoração por saíras, tangarás e curiós do canto paracambi. Me disse, na ocasião: *“tenho dois bicudos, não cantam muito mas são belos e ainda pardos”*. Ao examinar os dois pássaros percebi que eram duas fêmeas todas duas com manchas pretas e prontas de “quem-quem”. Duas feras. Ora, em minha passagem por Uberaba, fiquei sabendo muito sobre bicudos, convivi mais de três anos com o criadores de lá e fiz muitas amizades, em especial com o Paulo Borges que tinha o extraordinário bicudo Tesourinha. Ele foi meu colega de escola desde 1958 no Diocesano onde fizemos juntos o ginásio do ensino médio. Frequentei à época torneios e já estava acostumado com a lide de bicudos e curiós para fibra. Estava sempre na casa de Sinésio Santino, com o Sebastião da farmácia, e com o estimado Nostradamus que morava perto de minha casa no “Morro da Onça”.

Então, sabia muito bem o que estava constatando. Falei ao tio: *“olha, são duas fêmeas, cantam, são valentes e o fato de elas deterem essas manchas pretas não quer dizer que sejam machos”*. A surpresa dele foi grande. Em seguida disse: *“sendo assim não as quero, fica com elas de presente, mas não vá dispor à tôa”*. Recomendou. Qual não foi minha alegria, eram os primeiros bicudos que detinha na vida. Pássaros raros, caríssimos e não era qualquer um que podia possuí-los.

Cheguei de volta das férias em Ribeirão com as duas fêmeas, pus nome nelas de *Guanabara* e de *Tijuca*. Pensei, *“e agora, preciso arrumar um macho pelo menos”*, mas como? Visitei inúmeros bicudeiros. Uma tarefa difícil, conseguir um bicudo novo, de potencial e “não mexido”. Procurei por muito tempo por um macho e as duas bicudas lá prontinhas. Loucas para acasalar.

Passado quase um mês finalmente falei com o Hélio Damázio morador da Rua São Sebastião e ele lá tinha uns cinco machos, quatro deles de bom canto e abertos. Havia um de primeiro ano de preto, ainda “frio”, meio espantado, do bico branco e que tinha supostamente o canto Ribeirão. Esse ele pedia um preço razoável, mas para mim era muito. Eu detinha algum material para “rolo”, canários da terra, um azulão cantador e mais umas ferramentas.

Ele disse: *“pego esse bichos e essas tralhas, mas você tem que voltar mais tantos cruzeiros”*. Aí, fiquei num mato sem cachorro. Onde arrumar dinheiro para quitar a conta e conseguir a tão sonhada ave. O Hélio, não dava prazo, tinha que ser à vista. Pensei, refleti muito, só havia um jeito: minha querida mãezinha “Beatriz”. Fiquei muitos dias a pertubando: *“mãe me arruma quinhentos cruzeiros”*. *“Menino você tá doido”, “pra quê”, “onde já se viu”*. Ainda mais quando disse a ela

o porquê da grana. Ela que trabalhava o dia inteiro como professora numa luta danada, cheia de dificuldades. Em casa eram muitos que dependiam dela e eu perturbando cada vez mais. Mas, mãe é mãe e só se tem uma. Após reclamar muito, me arrumou o dinheiro e aí fui lá e peguei o bicudo macho que tanto queria. Minha auto-estima foi lá em cima, me sentia agora realizado, endorfina pura por possuir um casal de bicudo. Uma grande alegria em minha vida.

Importante fazer um parêntesis sobre o fato que hoje, cinqüenta anos depois, a criação de bicudo ficou democratizada e há disponibilidade aos interessados milhares de bicudos nascidos domésticos. Qualquer um pode comprar um bicudo filho de campeão, portanto de origem legal, e que será na sua maioria um bom pássaro. Em qualquer ponta de rua nas periferias aqui de Ribeirão pode se observar um bicudo nascido em domesticidade. Uma situação muito diferente daquela época.

Bom, aí cheguei em casa dei nome dele de “Fumaça” e fiz aquele ritual de acasalamento. Mostrei as duas para ele e percebi que ele se engraçou mais pela Guanabara que tinha o bico meio esbranquiçado, maior e muito linda. De “quem-quem” bem alto e escandaloso. Arrumei um lugar estratégico num canto alto em nossa casa lá na Rua Altino Arantes quase esquina com a Independência. Com uma tábua de separação vendo pelo buraquinho fui aos poucos mostrando um para o outro. Como tinha aprendido observando os criadores lá de Uberaba. Nem é preciso falar, depois de uns três dias ele estava “chiando rato” para ela e ela “fiotando” para ele e meio que “abaixando” quando o via. Um gostou do outro. Ai, sabemos está feito o casal prepare-se para o melhor.

E assim, passaram-se alguns dias cerca de um mês, no início de setembro, haveria o Torneio de Fibra na Cava do Bosque em Ribeirão Preto. Fiquei muito ansioso porque meus grandes amigos de Uberaba viriam e seria oportunidade em vê-los, conversar sobre pássaros e orgulhoso mostrar meu “Fumaça” a todos. Nas vésperas quase não dormi de tanta expectativa.

Finalmente chegou sábado, o dia anterior ao torneio. Eles em sua maioria viriam de “trem” ou de ônibus e ficariam na “Pensão Vinte” no início da General Osório. Peguei o circular e fui para lá. Que maravilha. Estavam lá aqueles que considerava como grandes amigos. Infelizmente, o Paulo Borges havia mudado para Ouro Preto e não poderia ter vindo. Aí, me sentei na área interna junto com todos, fomos contando piadas e rindo por isso e por aquilo. Daí, em certo momento disse: *“estou com um casa de bicudo excelente, do canto Ribeirão e a bicuda aberta de “quem-quem”*. Todos admirados: *“mesmo”? “é mesmo”?* Alguns com ares de desconfiança. Então, *“vou buscá-los e mostrar a todos, vocês vão ver que não estou mentindo”*.

Nem pensei na dificuldade que teria de ir à pé da Rua Altino Arantes, esquina com a Independência até o início da General Osório, pois nos ônibus urbanos era proibido levar gaiolas. Vigoroso, por causa da idade, não corria de enfrentamentos ou de desafios. Fui em casa, almocei e saí com as duas gaiolas uma em cada mão para percorrer cerca de 10 quilômetros. Coisa de doido. Cheguei na “Pensão Vinte”

de volta lá pelas três da tarde, estafado. O “**Fumaça**” cantando e a “Guanabara” matando de “quem-quem”. “*Olha só, é verdade o Aloísio tem um casal de bicudo e o bicho canta bonito*”, todos admiraram.

Aí, veio a pergunta clássica: “*é para dispor*”? Eu, estava acostumado a fazer “rolo” mas não tinha muita consciência do que representava ter um casal de bicudo de boa qualidade. Realmente, para mim faltava essa avaliação. Era uma coisa sagrada ter um bicudo que pudesse cantar e classificar em um torneio de fibra à época. Só doutor, gente muito rica que teria essa condição. Quer dizer, eu mesmo não acreditava que “Fumaça” seria um bicudo de roda. Ele era muito novo e só estaria pronto depois 5/6 anos de idade, ledô engano. Em minha cabeça, estava formada essa falsa impressão provinda de uma dedução lógica que havia se desenrolado durante 4/5 anos de convivência com os passarinhos. A verdade é que havia em mim, sim, era muita inexperiência, pouca malícia de vida e a inerente simplicidade de jovem. Daí disse: “*ora, se for bom negócio, tudo bem*”.

Então, surgiu Hilo, dono de uma ótica em Uberaba, junto com seu pai e falou: “*tenho um curió de fibra, ótimo, sei que você gosta, se quiser te dou ele a troco do casal de bicudo*”. Relutei, mas tinha também esse sonho “ter um curió bom de fibra”. Era mais fácil e não tinha essa mística de que só rico podia tê-los. Sim, com curió era possível ter um bom de roda. Em seguida, veio ele com o curió na mão para me mostrar. Do canto horrível, não repetia, um pau e meio quando muito. Estranhei, e perguntei, “*mas esse bicho é mesmo bom de fibra*”. “*Sim, sim, sim*”, muitos deles disseram. Reconheço, o Geraldo – Hotel Regina – me disse: *sai fora esse cabra é safado*” *Cadê a fêmea dele?* “*Não ele não tem*”, afirmou Hilo. “*Mas como*”? fui falando. Depois de um certo e característico “bate boca”, fechamos, dei o casal de bicudo pelo “**Impacto**”, o curió de roda do Hilo.

Voltei, andando para casa e olhando para o bicho, meio que preocupado, num dilema atroz: “*mas se ele disse que é bom, tem que ser*” “*deve ser, tem que ser*” “*ele não iria fazer isso comigo*”. “*Se esse curió não for de roda, não vale nem 200 cruzeiros*”. E assim foi, quase chegando em casa o **Impacto** começou a chamar fêmea, berrando. Veio a dor no coração, senti a “verruma entrar” um gosto de cabo de guarda-chuva na boca. No entanto, não me dei por rogado. No outro dia, domingo dia do torneio, levantei às cinco da manhã, e lá fui eu, descendo a Av. Independência, a pé, levando **Impacto**, encapado. Ainda meio escuro, pensava: “*quem sabe, ele seja bom mesmo, quem sabe, quem sabe*”. Andando quase uma hora cheguei na Cava do Bosque onde seria o torneio.

Com todo cuidado possível, comprei a cartela de inscrição e coloquei o bicho na roda, primeiro de todos. Ele entrou cantando, agitado e dando um canto em cima do outro. Fiquei alegre por uns dez minutos, ele cantando e eu morrendo de felicidade. “*Ta vendo, o Hilo e o pai dele são verdadeiros e não traíram a minha confiança, eles são amigos*”, refletia eu inocentemente. Daí um pouco chega Joel Guarda, com seu curió Diamante na mão cantando e o colocou na estaca seguinte. Não deu outra, o **Impacto**, impactado pelo canto agressivo do concorrente ao lado, “estacou, travou em seguida “desasou” e começou a “varrer o fundo da gaiola”.

Fiquei sem fala, minhas vistas escureceram, a sensação foi a mesma que levar um murro bem dado no queixo. Tremendo, peguei o **Impacto** fui para um canto onde ninguém me avistasse. Lá fiquei uma meia hora, com o bicho “gritando” do meu lado.

Quanta vergonha e decepção, “*sou uma besta quadrada*”. Fiquei por ali, meio estupefato, espantado, indignado e revoltado com aquela situação de quebra de confiança, me sentindo realmente um imbecil. Passado um pouco, Geraldo de novo chega perto de mim e diz: “*eu te avisei, esse cabra é um safado, como pode ele ter feito isso contigo*”. Faça o seguinte: “*vai correndo na tua casa e chama tua mãe, se for o caso vai na delegacia, ele não pode fazer isso, você é menor de idade. Vai lá, vai lá*”. Muito embora, mesmo sofrendo aquele momento de extrema contrariedade, respondi: *não, Geraldo, agradeço a você que foi o único que falou a verdade, fiz o negócio e tá feito, não vou desfazer*”. Realmente não desfiz o negócio, fiquei no grande prejuízo material e moral. Uma grande lição de vida e a decepção com as pessoas.

Voltei para casa cabisbaixo e triste, chorando mesmo, foi duro de agüentar. Sumi com o **Impacto** o mais rápido possível, dei ele a troco de uma merreca. Fiquei de novo sem nada, sem bicudo, sem curió de roda e amargurado, tudo que tinha havia literalmente virado fumaça. Para me deixar mais indignado ainda, fiquei sabendo que o **Fumaça** estava por lá em Uberaba arrebentando, cantando na roda e repetindo muito. Isso tudo é verídico, aconteceu.

O mais interessante, é que dois anos depois deu uma doença braba no Hilo e no pai dele, os dois vieram a falecer prematuramente, será que foi algum tipo de praga?

Aloísio Pacini Tostes – Bonfim Paulista SP

multiplicar para conservar